

A CONSTRUÇÃO SOCIAL DA INFÂNCIA A PARTIR DA IDADE MÉDIA E SUA REPRESENTAÇÃO NA LITERATURA

THE SOCIAL CONSTRUCTION OF CHILDHOOD FROM THE AVERAGE AGE AND ITS REPRESENTATION IN LITERATURE

Núbia Régia de Almeida¹
Andréia Nascimento Carmo²

Resumo: Este trabalho tem por objetivo apresentar a concepção social da infância na Idade Média e o modo como os adultos se comportavam e exigiam comportamento das crianças, com base na perspectiva de Philippe Ariès (2012). Por conseguinte, pretende-se também apresentar, por meio de personagens das obras literárias *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, *Madame Bovary* e *O Ateneu*, como o modo de viver das personagens infantis retrata a concepção exposta pelo pesquisador citado. Este estudo é de ordem bibliográfica e de análise comparativa. Para isso, adotou-se como aporte teórico estudos dos teóricos Philippe Ariès (2012), Compagnon (2009), Todorov (2009), entre outros.

Palavras-chave: Criança. Sentimento da Infância. Representação Literária.

Abstract: This paper aims to present the social conception of childhood in the Middle Ages and how adults behaved and demanded behavior of children based on the perspective of Philippe Ariès (2012). Therefore, it is also intended to present, through characters from the literary works *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, *Madame Bovary* and *The Athenaeum* as the way of life of the children's characters, portrays the conception presented by the researcher quoted. This study is of bibliographic order and comparative analysis. To that end, the theoretical contributions of the theorists Philippe Ariès (2012), Compagnon (2009), Todorov (2009), and others were adopted.

Keywords: Child. Feeling of Childhood. Literary Representation.

Introdução

A literatura se configura como uma fonte valiosa para desenvolver estudos historiográficos e culturais, uma vez que ela “responde a um projeto de conhecimento do homem e do mundo” (COMPAGNON, 2009, p. 26). Nesse sentido, a literatura é fonte importante para os estudiosos que procuram decifrar como viviam nossos antecedentes. Ela tem o poder de preservar e transmitir a experiência dos outros. Através dela, pode-se descobrir como viviam gerações distantes de nós mesmo no tempo e no espaço. Saber como pensavam e agiam, quais eram seus valores. Ela possibilita ao homem conhecer e

¹ Mestra em Ensino de Língua e Literatura pela UFT. Doutoranda em Ensino de Língua e Literatura pela UFT. Professora da Educação Básica da Rede Estadual do Estado do Tocantins. E-mail: nubiaregia20@gmail.com

² Mestra em Ensino de Língua e Literatura pela UFT. Professora da Educação Básica da Rede Estadual do Estado do Tocantins. E-mail: dreiancn@gmail.com

compreender a complexidade das relações humanas (COMPAGNON, 2009, p.47-48). Lima e Cabral (2014) asseveram que a Literatura

(...) é uma importante fonte para o historiador, pois permite enxergar traços e pistas que outras fontes, talvez, não lhes proporcionassem. A literatura é uma narrativa que, seja pela poesia ou pela prosa, fala ao mundo de forma indireta e metafórica. E, por vezes, o sentido que o texto literário apresenta é o suporte necessário para que o olhar do historiador se oriente para outras fontes e nelas consiga enxergar o que ainda não viu, cumprindo assim um efeito multiplicador de possibilidades de leitura. (LIMA; CABRAL, p. 100, 2014).

Essas possibilidades de leitura a partir da Literatura existem, pois, como explicita Todorov, “a literatura não nasce no vazio, mas no centro de um conjunto de discursos vivos, compartilhando com eles numerosas características” (TODOROV, 2009, p. 22). Esses discursos representam o modo de viver cultural de um povo. Nesse sentido, literatura e história possuem fronteiras inconstantes, já que ambas se apropriam uma da outra.

Ivanda Martins advoga que a literatura é um fenômeno cultural, histórico e social. Assim, “a obra literária é produto de um contexto maior, no qual visões de mundo, valores ideológicos de uma época, costumes lendas, enfim a diversidade de elementos culturais participa ativamente, influenciando a constituição do texto” (MARTINS, 2006, p. 90). Portanto, a obra literária tem muito a dizer sobre a sociedade a partir da qual ela foi criada. No entanto, vale ressaltar que a leitura literária não deve ser incentivada pela escola apenas com esta finalidade, mas também por outros fatores como o desenvolvimento cognitivo e pelo prazer da leitura.

Isso não significa, também, que o professor, ao ensinar literatura, não possa discutir informações da obra sobre a sociedade na qual ela foi criada. Essa discussão poderá ajudar os alunos a encontrar um sentido para melhor compreender o homem e o mundo, e, ao mesmo tempo, enxergar beleza que enriqueça sua existência, finalidade maior da Literatura. (TODOROV, 2009, p. 33)

No caso deste estudo, em específico, busca-se, por meio de obras literárias previamente selecionadas, encontrar vestígios sobre a concepção de criança e infância e averiguar se essa concepção corresponde à ótica do pesquisador Philippe Ariès. Em sua pesquisa, o estudioso utilizou-se de registros escritos como diários, inscrições em madeira, porta-retratos, epígrafes e iconografias para retratar o modo de vida concedido à criança dos séculos XII ao XVIII.

Nessas breves considerações iniciais, apresentaram-se apenas algumas concepções sobre o valor da Literatura como fonte histórica e o quanto ela pode auxiliar estudos que visam retratar as sociedades antepassadas. Em seguida, discutir-se-á como era o sentimento

dos adultos para com a infância durante a Idade Média, e qual era o padrão comportamental exigido na época. Diante disso, também será discutido de que maneira as crianças, sobretudo as meninas, eram tratadas pela família e pela sociedade em geral com base na concepção de educação medieval. Para tanto, será elencado algumas passagens dos romances *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, *Madame Bovary* e *O Ateneu*, como exemplo de situações corriqueiras que comprovam a relação entre literatura e a história da sociedade.

1. A concepção do sentimento da infância no convívio familiar

Philippe Ariès, em *História Social da Criança e da Família*, traduzida no Brasil em 1978, discorre sobre a história social da criança com base em dados obtidos a partir do século XII por meio de iconografias, diários, epígrafes, transcrições em madeiras e porta-retratos pertencentes às pessoas influentes na sociedade medieval. Ariès (2012) mostra com muita clareza uma infância social, cultural e familiar diferente da noção de infância que temos atualmente. Segundo o autor, essa ideia foi construída ao longo da Idade Média até a Idade Moderna. Durante esse processo, a sociedade não direcionava cuidados específicos às crianças, tratando-as como pequenos adultos.

Ainda de acordo com Philippe Ariès (2012), poucas vezes as crianças muito pequenas apareciam em iconografias, devido a incerteza de sua sobrevivência causada pela falta de cuidados especiais necessários aos recém-nascidos e também pela falta de higiene que tornavam as pequenas crianças cada vez mais vulneráveis. Diante da sociedade medieval, “a consciência da particularidade infantil, essa particularidade que distingue essencialmente a criança do adulto, mesmo jovem”, ainda não existia (ARIÈS, 2012, p. 99). Muitas crianças morriam por asfixia, às vezes acidentalmente, e em muitos casos propositalmente, pois dormiam misturadas com jovens e adultos, fossem eles os pais, parentes ou criados.

Na obra *Madame Bovary*, romance escrito por Gustave Flaubert e publicado em 1857, aparece uma situação em que se expõe uma das formas de tratamento para com as crianças. O narrador descreve o contexto em que a filha da personagem Ema é criada. Berta é posta sob os cuidados de uma ama. O ambiente é simples, sem conforto. Apesar de obter um berço dedicado à menina, o quarto, por ser o único da casa, comprova a mistura entre crianças e adultos.

Um dia Ema foi acometida bruscamente do desejo de ver sua filha, que estava em casa da ama, mulher do marceneiro. (...) O quarto, no rés-do-chão, o único da casa, tinha ao fundo uma cama grande sem cortinas (...)

A filha de Ema dormia num berço de Vime. A mãe pegou-a juntamente com a roupa que a envolvia, e pôs-se a cantarolar baixinho, embalando-a.

Leon passeava pelo quarto; parecia-lhe extraordinária a presença daquela formosa mulher, de vestido de ganga, no meio daquela miséria. (...) Em seguida Ema tornou a deitar a menina, que acabara de vomitar no colarinho. A ama correu logo, limpando e esclarecendo que não ficaria nódoa.

— Ela me tem feito piores — dizia ela —, e quase não faço outra coisa senão limpá-la continuamente! (FLAUBERT, 1979, p. 72-73).

Ariès faz um levantamento histórico do sentimento da Infância do século XII ao XVIII. Verifica-se que até o século XIV e XV não existia um papel social reservado às crianças na família e na sociedade. A citação acima apresenta claramente que Berta, a filha de Ema, foi submetida aos cuidados de uma ama quando era ainda muito pequena. Segundo Ariès (2012), era comum as famílias deixarem suas crianças serem educadas por terceiros. O sentimento da infância não era cultivado por parte da família. Na era medieval, os pais pareciam negligentes, não se afeiçoando muito pelos filhos. Nota-se claramente a falta de paciência tanto da mãe, que torna a deitar a criança porque ela vomitara em seu colarinho, quanto da ama, reclamando que a criança faz coisas piores com ela. Outra passagem do romance de Flaubert representa a maneira como ainda no século XIX o sentimento de infância até então encontrava-se em construção:

(...) Mas já estava entre a mesa de costura a pequena Berta, cabeceando sobre os sapatinhos de tricô, e tentando aproximar-se da mãe para agarrar-lhe por detrás, as fitas do avental.

— Deixa-me! — Disse esta, afastando-a com a mão.

A menina insistiu, mais perto ainda, contra seus joelhos; e apoiando neles os braços, erguia para a moça seus belos olhos azuis, enquanto um fio de saliva lhe corria da boca sobre a seda do avental.

— Deixa-me! — Repetiu Ema, irritada. A expressão do rosto assustou a criança, que pôs a chorar.

— Ora, deixa-me — fez a moça, afastando-a com o cotovelo. Berta foi cair ao pé da cômoda, contra a quina de cobre, ferindo o rosto e fazendo sangue. A Sra. Bovary correu a levantá-la, partiu o cordão da campainha, chamando pela criada com quanta força tinha, e ia começar a maldizer-se, quando Carlos apareceu. Era hora do jantar e ele voltava para casa. (FLAUBERT, 1979, p. 89).

A falta do sentimento da infância é comum a todas as crianças e menor ainda é o sentimento pelas crianças do sexo feminino. O predomínio do desejo de se ter um filho másculo, seja por qualquer razão, deixava as meninas em uma situação ainda mais inferior, tanto no meio familiar como na sociedade. Ema trazia o anseio de dar à luz a um filho macho. No entanto, isso não aconteceu. Desse modo, a Sra Bovary mostra-se totalmente sem sentimento afetivo para com a filha Berta desde o seu nascimento, pois

(...) desejava que fosse um menino; havia de ser forte e moreno e chamar-se-ia Jorge; esta ideia de ter um filho varão era como que a desforra, em esperança, de

todas as suas impotências passadas. Um homem ao menos é livre; pode percorrer as paixões e os países, saltar obstáculos e gozar dos prazeres mais raros. Uma mulher anda continuamente rodeada de empecilhos. Inerte e ao mesmo tempo flexível, tem contra si as fraquezas da carne e as dependências da lei. A sua vontade, como o véu de um chapéu preso pelo cordão, flutua a todos os ventos; e há sempre algum desejo que se arrasta e alguma conveniência que detém.

_ Deu à luz num domingo, pelas 6 horas da manhã, ao nascer do sol.

_ É uma menina! _ Disse carlos.

Ela virou a cabeça para o outro lado e desmaiou. (FLAUBERT, 1979, p. 70).

Segundo Ariès (2012, p. 32), as crianças eram vestidas “como os outros homens e mulheres de sua condição”. Além disso, eram permitidas diante delas linguagens grosseiras, ações e situações escabrosas sem nenhum pudor. As crianças estavam expostas à contação de histórias de cunho altamente imoral perante a sociedade atual, às cenas de relações sexuais entre os pais, os criados. De acordo com o autor, naquela época era costume os contatos físicos e gestos envolvendo os órgãos sexuais das crianças. Tais atitudes só eram proibidas quando a criança atingia a puberdade.

Na obra *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, do escritor brasileiro Machado de Assis, lançada em 1881, o autor retrata alguns momentos da infância de Brás Cubas. Nascida em 1805, a personagem relata um pouco das suas memórias de meninice. Sobre a maneira como cresceu, Brás Cubas afirma:

Cresci; e nisso é que a família não interveio; cresci naturalmente, como crescem as magnólias e os gatos. Talvez os gatos são menos matreiros, e com certeza, as magnólias são menos inquietas do que eu era na minha infância. (...) Desde os cinco anos merecera eu a alcunha de “menino diabo”; e verdadeiramente não era outra coisa; fui dos mais malignos do meu tempo, arguto, indiscreto, traquinas e voluntarioso. (ASSIS, 1994, p. 15).

Por esse relato, verifica-se que Brás Cubas foi uma criança que cresceu livre, sem a intervenção da família. Isso pode demonstrar indícios de que os cuidados direcionados a ele na infância foram mínimos. Não houve uma preocupação por parte dos pais com a educação moral dessa criança. Ela cresceu livremente no meio dos adultos, fazendo aquilo que lhe interessava.

Vimos os pais; vejamos os tios. Um deles, o João, era um homem de língua solta, vida galante, conversa picaresca. Desde os onze anos entrou a admitir-me às anedotas reais ou não, eivadas todas de obscenidade ou imundície. Não me respeitava a adolescência, como não respeitava a batina do irmão; com a diferença que este fugia logo que ele enveredava por assunto escabroso. Eu não; deixava-me estar, sem entender nada, a princípio, depois entendendo, e enfim achando-lhe graça. No fim de certo tempo, quem o procurava era eu; e ele gostava muito de mim, dava-me doces, levava-me a passeio. Em casa, quando lá ia passar alguns dias, não poucas vezes me aconteceu achá-lo, no fundo da chácara, no lavadouro, a palestrar com as escravas que batiam roupa; aí é que era um desfiar de anedotas, de ditos, de

perguntas, e um estalar de risadas, que ninguém podia ouvir, porque o lavadouro ficava muito longe de casa. As pretas, com uma tanga no ventre, a arregaçar-lhes um palmo dos vestidos, umas dentro do tanque, outras fora, inclinadas sobre as peças de roupa, a batê-las, a ensaboá-las, a torcê-las, iam ouvindo e redarguindo às pilhérias do tio João, e a comentá-las de quando em quando com esta palavra:
— Cruz, diabo!... Este sinhô João é o diabo! (ASSIS, 1994, p.16).

Neste fragmento pode-se constatar que era permitido ao menino Brás Cubas ouvir anedotas de cunho altamente imoral. A princípio, ele não entendia, mas depois, além de compreender, passou a gostar de ouvir essas piadas e ditos obscenos, e procurar o tio que estava sempre a relatá-los. Constata-se também que o menino acompanhava o tio quando este ia conversar com a criadagem na lavanderia. Lá, seu tio João destilava todas as suas piadas e ditos para as lavadeiras, que iam ouvindo e comentando. Conforme Ariès (2012, p.44-45), por volta dos três anos de idade as crianças já participavam das conversas e brincadeiras dos adultos. A criança brincava com bonecas, mas “ao mesmo tempo praticava arco, jogava cartas, xadrez, e participava de jogos de adultos, como o jogo de raquetes e inúmeros jogos de salão”.

No romance *Madame Bovary*, de Flaubert, também há mais passagens que exemplificam muito bem a maneira como as crianças eram tratadas na época por meio da descrição do modo como fora criado o personagem Carlos Bovary. O menino, mesmo ainda muito pequeno, logo foi deixado sob os cuidados de uma ama. Andava nu, livremente entre as pessoas, e lhes eram ensinados certos comportamentos comuns entre os adultos, como ingerir bebidas alcoólicas e fumar. O pai acreditava que isso iria aumentar a virilidade do menino. Nota-se que desde muito cedo a criança, principalmente do sexo masculino, é criada visando que sua virilidade seja logo afluída.

Quando lhes nasceu um filho, entregaram-no aos cuidados de uma ama. Na volta ao lar, mimaram como a um príncipe o garoto. A mãe prodigalizava-lhe guloseimas e o pai deixava-o correr descalço; dizia mesmo, para se mostrar filósofo, que não lhe via inconveniente em andar nu como a cria dos animais. Ao contrário das tendências da mãe, o marido tinha na cabeça certo ideal viril sobre a infância, segundo o qual tratava de desenvolver o filho, desejando que fosse educado rudemente, à espartana, para que lograsse uma boa constituição. Fazia-o deitar no escuro, ensinava-lhe a beber rum a grandes tragos e a insultar as procissões. Mas, naturalmente pacífico o pequeno não correspondia aos seus esforços (FLAUBERT, 1979, p. 10).

De acordo com Ariès (2012), a infância durava até aos sete anos de idade, período em que julgavam que a criança já não era tão frágil e, assim, ela já poderia ser misturada, de maneira mais efetiva, aos adultos e partilhar com eles de todas as suas atividades. Desta forma, torna-se clara a ideia de outra noção de juventude e adolescência naquela época, principalmente no que diz respeito às crianças pobres. Em *Madame Bovary*, Berta após perder

a mãe e o pai, é entregue aos cuidados de uma tia. E esta, por ser muito pobre, coloca a menina para trabalhar em uma tecelagem de algodão quando tinha apenas sete anos de idade.

Depois de tudo vendido restaram 12 francos e 75 centimos, que serviram para pagar a viagem de Berta para a casa de sua avó. A pobre mulher morreu nesse mesmo ano e, como o velho Rouaut estava paraplético, foi sua tia que se encarregou dela. Como é pobre, para ganhar o sustento, manda-a trabalhar numa tecelagem de algodão. (FLAUBERT, 1979, p. 259).

Nesse sentido, Berta, aos sete anos, já não é mais considerada uma criança, pois sendo pobre e já capaz de desenvolver uma atividade laboral, é misturada ao mundo dos adultos para conseguir sobreviver por meio de seu trabalho.

2. A vida escolástica das crianças

De acordo com Philippe Ariès (2012, p.110), até o século XIII os colégios eram considerados asilos para as crianças pobres. Nesse período não se ensinava em colégios. Havia comunidades democráticas e familiares que incumbiam de ensinar os estudantes. Era costume das famílias francesas abastadas enviar seus filhos para a casa de outra família para que fossem educadas e aprendessem um ofício. Os filhos eram afastados dos pais muito cedo e com isso tinham sua infância interrompida, pois logo começavam a fazer parte do mundo adulto. A educação delas se dava, na grande maioria das vezes, através do empirismo. Assim, elas eram obrigadas a aprender com os adultos, realizando juntamente com eles as tarefas. Existiam poucas escolas naquele período e elas funcionavam em regime de internato e sem divisão de classes, conforme as idades da vida. Portanto, em uma mesma sala, estudavam adultos, jovens e crianças do sexo masculino. As meninas ainda demoraram muito para receber uma educação escolarizada. A educação delas era baseada na preparação para o casamento ou na dedicação à vida religiosa. Conforme assevera Ariès:

Se a escolarização no século XVII ainda não era o monopólio de uma classe, era sem dúvida de um sexo. As mulheres eram excluídas. Por conseguinte, entre elas, os hábitos de precocidade e de infância curta mantiveram-se inalterados da Idade Média até o século XVII. (ARIÈS, 2012, p.125).

Em *Madame Bovary* há evidências da entrada da menina na vida escolástica. Na obra, a personagem Ema recebe uma educação com base na vida religiosa. Uma passagem do romance expõe a rotina educativa da protagonista quando ainda muito jovem:

Quando tinha treze anos, seu pai a levou a cidade, para pô-la no convento. (...) Brincava muito pouco nas horas do recreio, entendia perfeitamente o catecismo e ela era quem sempre respondia ao capelão as perguntas mais difíceis. Vivendo, pois, sem nunca sair da tépida atmosfera das aulas, entre aquelas mulheres de cútis muito brancas e grandes rosários com cruzeiros de latão, foi descaindo docemente para a languidez mística que se exala dos perfumes do altar, da frescura da água-benta e do flamejar dos círios (...). (FLAUBERT, 1979, p. 31).

Somente a partir do século XV é que as pequenas entidades democráticas passaram a funcionar como colégios. Aos poucos, foi surgindo uma evolução paralela em que passou haver uma repugnância quanto à mistura das idades numa mesma classe com capacidades diferentes. A princípio, a separação se deu de acordo com a capacidade. Procurava-se reunir em um mesmo grupo aqueles que estavam em um mesmo nível, designando um professor para esse grupo. Mais tarde, as crianças menores dos 07, até completarem os 10 anos, foram proibidas de frequentar a escola. Essa medida foi tomada porque julgavam que a criança, nessa fase, era dotada de uma imbecilidade. Porém, Ariès (2012, p. 115) afirma que isso ocorreu com a finalidade de preservar as crianças menores dos assédios e maus tratos que ocorriam nos colégios porque elas ainda eram muito inocentes para se defender desse tipo de atitudes. Nesse sentido, a infância foi prolongada até os 10 anos de idade.

Contudo, o autor assevera que até os séculos XVII e XVIII ainda continuavam as misturas de idade entre o resto da população escolar. Portanto, “crianças de 10 a 14 anos, adolescentes de 15 a 18 e rapazes de 19 a 25 frequentavam as mesmas classes. Até o fim do século XVIII, não se teve a ideia de separá-los” (ARIÈS, 2012, p. 115). Na obra, *O Ateneu*, de Raul Pompéia, publicada no ano de 1888, o narrador protagonista Sérgio narra suas dolorosas experiências e dramas vividos no regime de internato do mais conceituado colégio da época, “O Ateneu”, situado na cidade do Rio de Janeiro. Nesse livro, pode-se constatar que ainda no Século XIX as misturas de idade continuavam acontecendo nos colégios. Assim que Sérgio chega ao colégio, aos 11 anos, inicia seus estudos com o professor Mânlio, que ministrava aulas na sala de ensino superior de primeiras letras. Mânlio recomendou Sergio a dois de seus discípulos: Rebelo e Sanches. Na obra, não fica registrado a idade de Rebelo e Sanches, porém há descrições que levam o leitor a inferir que ambos são mais velhos que Sérgio. “Rebelo que era mais velho e usava óculos escuro” (POMPÉIA, 2008, p. 33). Numa passagem, Sérgio relata sobre a banheira de natação que todos usavam para tomar banho. Nesse relato, pode-se constatar que Sanches é bem maior do que Sérgio e no decorrer da narração nota-se que Sanches está bem avançado nos estudos das primeiras letras. Portanto, verifica-se que ele é mais velho do que o narrador protagonista.

Procurei o recanto dos menores. (...) Mal tinha eu entrado, senti que duas mãos no fundo, prendiam-me o tornozelo, o joelho. A um impulso violento caí de costas; a água abafou-me os gritos, cobriu-me a vista. Senti-me arrastado. Num desespero de asfixia, pensei morrer. Sem saber nadar, vi-me abandonado em ponto perigoso; e bracejava à toa, imerso a desfalecer, quando alguém me amparou. Um grande tomou-me ao ombro e me depôs à borda, estendido, vomitando água. Esfreguei-me os olhos e verifiquei que o Sanches tinha-me salvo (...) Tive motivo para crer que o perverso e o peste fora-o ele próprio, na intenção de fazer valer um bom serviço. (POMPÉIA, 2008, p. 45-46).

Sérgio também afirma que antes de ingressar no Ateneu ele havia “frequentado durante alguns meses uma escola familiar do Caminho Novo, onde senhoras inglesas, sob a direção do pai, distribuía educação à infância como melhor lhes parecia” (POMPÉIA, 2008, p.14-15). Nessa passagem, nota-se que ainda no século XIX há vestígios de ensino em comunidades familiares, conforme descrevera Ariès (2012, p.110) como características de ensino ministrado até o século XIV.

O pesquisador Philippe Ariès enfatiza que no início dos tempos modernos o colégio tornou-se “um meio de isolar (as crianças) durante um período de formação tanto moral como intelectual, de adestrá-las, graças a uma disciplina mais autoritária, e, desse modo separá-las da sociedade dos adultos” (ARIÈS, 2012, p. 107). Assevera também que assim como na idade média, na idade moderna também havia as misturas de idade e de espíritos de liberdade de costumes. Quanto aos espíritos de liberdade de costumes, o autor refere-se aos desvios de conduta de alguns estudantes, como bebedeiras, sodomia, assédio sexual aos alunos menores, àqueles que viviam sem lei, os errantes. Embora esses atos fossem proibidos, existia no colégio alunos que os praticassem. No entanto, quando descobertos, o autor afirma que eram punidos rigorosamente com castigos severos.

Em *O Ateneu* são relatadas algumas passagens de disciplinas punitivas aplicadas aos alunos que cometiam algumas infrações. Para exemplificar, utilizar-se-á um fragmento da obra que narra uma das punições mais severas. Trata-se de Franco, aluno que não tinha um bom desempenho e por isso era constantemente castigado pelo diretor Aristarco e sofria com assédio moral por parte dos outros estudantes. Em virtude disso, Franco sempre procurava vingar-se dos colegas aprontando algumas travessuras.

Engaiolava-se o condenado na amável companhia dos remorsos e da execração; ainda em cima uma tarefa de páginas para o qual o mais difícil era arranjar luz bastante. De espaço a espaço, galopava um rato no invisível; às vezes vinham subir as pernas do condenado os animaizinhos repugnantes dos lugares lóbregos. À soltura surgia o preso, pálido como um redivivo, espantado do ar claro de uma coisa incrível. Alguns achavam meio de voltar verdadeiramente abatidos. Franco saiu doente. (POMPÉIA, 2008, p. 192).

De acordo com a Ariès, na idade média havia também o sistema de camaradagem. Esse sistema consistia na proteção do pequeno estudante que acompanhava “um menino mais velho compartilhando sua vida na alegria ou na desgraça, e, muitas vezes, em troca, sendo surrado e explorado.” (ARIÈS, 2012, p. 115). Essa exploração podia ser tanto física como sexual.

Na obra *O Ateneu*, há algumas passagens que demonstram a proteção e o acompanhamento que Sérgio recebe por parte de Sanches, e que a intenção do protetor era obter favores sexuais de Sérgio. Sanches era considerado o melhor aluno da turma. Ele tinha conhecimento de gramática, literatura e uso do dicionário. Ensinar a Sérgio com maestria o conteúdo, fazendo-o sentir-se dependente dos seus ensinamentos.

(...) Inexperiente não conquista uma passo na imensa capital das palavras. Sanches estava afeito. Penetrou comigo até aos últimos albergues da metrópole, até à cloaca máxima dos termos chulos. Descarnou-me em caricatura de esqueleto a circunspeção magistral do Léxicon, como poluíra a elevação parnasiana do poema. Eu me sentia amesquinhado sob o peso das revelações. Causava terror aquela sabedoria de coisas nunca sonhadas. O honrado diretor espiritual percebeu que havia agora um ascendente de domínio que me curvava. Olhava-me então de frente e tinha ousados risos de malícia. (...).

Contudo Sanches, como os maus intencionados, fogia dos lugares concorridos. Estimulado pelo abandono, que lhe parecia assentimento tácito Sanches precipitou um desenlace. (...) – quando sem transição, o companheiro chegou-me a boca ao rosto e falou baixinho.

Só a voz, o simples som covarde da voz, rastejante, colante, como se fosse cada sílaba uma lesma, horripilou-me, feito o contato de um suplício imundo. (POMPÉIA, 2008, p. 57-58).

Ao fato de Sérgio não aceitar a proposta indecorosa de Sanches, o garoto acaba abandonado à própria sorte e começa a declinar no desempenho das aulas de primeiras letras.

Fora da zona magnética em que me cativava o bom amigo concertaram-se os meus instintos sopitados de revolta e Sanches passou a ser um desconhecido. (...) Ao primeiro encontro depois do rompimento, o homem viu que estava tudo acabado. Andou a rondar-me temperando o olhar com um brilho de facadas.

Dias depois da terrível nota, voltava eu a figurar com outra má, menos filosoficamente redigida, porém agravada de reincidência. Aristarco não perdoou mais. Houve ainda terceira, quarta, por diante. Cada uma delas doía-me intensamente; contudo não me indignava. (POMPÉIA, 2008, p. 58; 63).

Não bastasse as notas ruins, Sérgio ainda era perseguido e sofria maus tratos por Sanches.

No recreio, andava só e calado como um monge. Depois do Sanches não me aproximava de nenhum colega, se não incidentemente, por palavras indispensáveis. Rebelo tentou atrair-me; eu desviava. Sanches, rancoroso, perseguia-me como um demônio. Dizia coisas imundas. “Deixe estar, jurava entre dentes, que ainda hei de tirar-te a vergonha.” Na qualidade de vigilante levava-me brutalmente à espada. Eu tinha as penas roxas dos golpes; as canelas me incharam.

No livro há evidências da prática homossexual no colégio.

Aristarco soprou duas vezes através do bigode, inundando o espaço com um bafejo de todo-poderoso.

E sem exórdio:

“Levante-se, Sr. Cândido Lima!”

“Apresento-lhes, meus senhores, a Sra. D. Cândida”, acrescentou com uma ironia desanimada.

“Para o meio da casa! e curve-se diante dos seus colegas!”

Cândido era um grande menino, beijudo, louro, de olhos verdes e maneiras difíceis de indolência e de enfado. Atravessou devagar a sala, dobrando a cabeça, cobrindo o rosto com a manga, castigado pela curiosidade pública.

“Levante-se, Sr. Emílio Tourinho...”

Este é o cúmplice, meus senhores!”

Tourinho era um pouco mais velho que o outro, porém mais baixo; atarracado, moreno, ventas arregaladas, sobranceiras crespas, fazendo um só arco pela testa. Nada absolutamente conformado para galã; mas era com efeito o amante.

“Venha ajoelhar-se com o companheiro.”

Agora os auxiliares...”

Desde as cinco horas da manhã trabalhava Aristarco no processo. O interrogatório com o apêndice das delações da polícia secreta e dos tímidos, comprometera apenas dez alunos.

A chamado do diretor, foram deixando os lugares e postando-se de joelhos em seguimento dos principais culpados.

Prostrados os doze rapazes perante Aristarco, na passagem alongada entre as cabeceiras das mesas, parecia aquilo um ritual desconhecido de noivado: a espera da bênção para o casal à frente. (POMPÉIA, 2008, p. 159-160).

Este fragmento evidencia a descoberta de um casal homossexual pelo diretor da entidade e também a humilhação que o casal e seus cúmplices passam diante dos demais alunos matriculados no colégio. Constata-se também a prática da delação por parte dos colegas dentro do colégio. Philippe Ariès (2012, p. 117) aponta em sua obra que a partir do século XV a parte disciplinar dos colégios era definida por três características principais, a saber: a vigilância constante, a delação e a aplicação ampla de castigos corporais.

Em *O Ateneu*, essas características organizacionais de um colégio são evidenciadas em vários momentos. Havia aplicação de castigos com o uso da palmatória, exposição pública do aluno infrator, punições como ficar de joelhos diante dos colegas, castigos que consistiam ao aluno transcrever várias páginas à mão em um ambiente solitário e mesmo aprisionamento de estudantes em uma gaiola imunda, fétida e sem luminosidade. Havia ainda os bedéis, que faziam a vigilância dos alunos e também as investigações por parte do diretor, na qual colegas acabavam denunciando alunos que cometiam alguma infração, como ficou comprovado neste fragmento.

Considerações finais

Diante do exposto, entende-se que a literatura vai além do que está escrito e construído pela imaginação dos leitores. Ela nos proporciona prazer e um leque de saberes sob os quais é possível constituir conhecimento sobre diversas sociedades. Os fragmentos dos romances aqui apresentados mostram claramente como os costumes, valores e a cultura de um povo influenciam na produção dos seus textos. Assim, torna-se plausível admitir que a literatura é ficção quando alimenta nosso imaginário, e também realidade quando, por meio da imaginação, fornece o conhecimento desta mesma realidade.

A construção da ideia de infância passou por um processo histórico que definiu, aos poucos, o sentimento de infância do século XII ao XVIII. Nesse período, moralistas pedagógicos se empenharam em buscar uma nova maneira em educar as crianças. Porém, notam-se, aos poucos, mudanças significativas a partir do século XIX, ainda carregado de preceitos medievais. Nesse contexto, Em *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, foi apresentada a maneira como as crianças, no caso do sexo masculino, possuíam liberdade em se misturar aos adultos e participarem de todas as atividades que estes praticavam. Além disso, aparecem cenas em que o protagonista do romance participa de conversas e situações que chocariam muitas sociedades atuais.

Em *Madame Bovary*, Flaubert encaminha suas reflexões para a criança do sexo feminino. O narrador descreve como fora criada a personagem Berta, elencando os preconceitos que as mulheres enfrentavam até mesmo antes de nascer. O tratamento dado às crianças, semelhante às descobertas do pesquisador Philippe Ariés, também surge no romance *O Ateneu* por meio da descrição da forma como elas eram educadas na escola. Baseados em uma escola rigidamente pedagógica, a disciplina e os castigos corporais eram muito comuns. Além da mistura de idades em uma mesma sala de aula, nesse romance aparecem ainda situações em que os menores eram submetidos a favores sexuais aos seus vigilantes. Nesta obra há uma interessante reflexão em uma cerimônia oferecida à sociedade civil, quando o orador diz o seguinte: “Não é o internato que faz a sociedade; o internato a reflete. A corrupção que ali viceja, vai de fora.” (POMPÉIA, 2008, p. 190-191). Nesse sentido, há de se concordar que a Literatura, assim como o colégio que não cria a sociedade, apenas reflete a sociedade, com tudo que ela traz de bom e ruim.

Assim sendo, apesar de ultrapassada a Idade Média, o comportamento negligente diante das crianças vigorou entre famílias mais conservadoras. A partir de um processo contínuo é que a sociedade passou a enxergar a criança como um ser importante e frágil que

dependia de cuidados, não somente por parte dos familiares, mas também do Estado, no que diz respeito à criação de leis e estatutos que viessem garantir seus direitos e sua integridade física e moral.

O apego às crianças por parte da família e a preocupação com a educação infantil foram fatores muito relevantes que contribuíram para o surgimento da ideia de infância. Desta forma, de acordo com Ariés (2012), tanto a família como os moralistas começaram a se preocupar com o que era exposto às crianças, cuidando para que a sua inocência fosse preservada.

Referências

- ARIÈS, Philippe, 1914-1984. *História Social da Criança e da Família*. Trad. Dora Flaksman. 2. ed. [reimpr.]. Rio de Janeiro: LCT, 2012.
- ASSIS, Machado. *Memórias Póstumas de Brás Cubas*. Obra Completa, Rio de Janeiro: Editora Nova Aguilar, 1994.
- COMPAGNON, Antoine. *Literatura para quê?* Tradução de Laura Taddei Brandini. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2009.
- FLAUBERT, Gustave. *Madame Bovary*. Trad. Publicada sob licença de Livraria Martins Editora, São Paulo. São Paulo: Abril S.A. Cultural e Industrial, 1979. 259p.
- LIMA, Solyane Silveira; CABRAL, Anne Emilie Souza de Almeida. A Educação da infância retratada através da Literatura. *Interfaces Científicas - Educação*, Aracaju, v.2; n.3, p. 95 – 104, Jun. 2014.
- POMPÉIA, Raul. *O Ateneu*. Campinas. Editora Komedi, 2008. 224p.
- TODOROV, Tzvetan. *A Literatura em Perigo*. Tradução; Caio Meira. Rio de Janeiro: DIFEL, 2009.

Artigo recebido em: 04/06/17
Artigo aceito em: 08/07/17